

PROCESSOS subjetivos de psicoterapeutas frente à Covid-19: Novas perspectivas para a atuação clínica

Subjective processes of psychotherapists in the face of covid-19: New perspectives in clinical acting

Rodrigo Prata Mendes

Acadêmico do curso de Psicologia; Centro Universitário de Brasília (CEUB), Brasília, DF, Brasil;

rodriprata.m@gmail.com

Valéria Deusdara Mori

Doutora em Psicologia, Centro Universitário de Brasília (CEUB), Brasília, DF, Brasil

morivaleria@gmail.com

Resumo

O presente estudo reflete sobre as novas perspectivas de atuação dos psicoterapeutas durante a pandemia da Covid-19. Isso foi realizado através da Teoria da Subjetividade e do Método Construtivo-Interpretativo, contando com a participação voluntária de dois psicólogos. Foi discutida a transição da clínica presencial para a clínica online, as mudanças no processo psicoterapêutico, a vacinação dos profissionais de saúde e como o contexto pandêmico alterou as perspectivas dos pacientes e dos psicólogos a respeito da psicoterapia. Os desafios encontrados para os profissionais da psicologia, nesse momento, foram inúmeros e necessitam de ser investigados, visto que a terapia online é considerada uma realidade do presente e do futuro da profissão - não incorrendo, porém, no fim da presencial.

Descritores: Psicologia; Psicoterapeutas; COVID-19.

Abstract

The present study reflects about the new perspectives of psychotherapists' acting during the Covid-19 pandemic. That was done through the Theory of Subjectivity and the Constructive-Interpretative Method, with the voluntary participation of two psychologists. The transition from the face-to-face clinic to the online clinic, changes in the psychotherapeutic process, vaccination of psychology professionals and how the pandemic context has changed the perspectives of patients and psychologists regarding psychotherapy were discussed. The challenges faced by the psychology professionals were uncountable and need to be

investigated, given that online therapy is considered a reality of the present and future of the profession - not incurring, though, at the end of face-to-face therapy.

Descriptors: Psychology; Psychotherapists; Covid-19.

Introdução

A presente pesquisa está inserida nos estudos relacionados à psicoterapia e à Teoria da Subjetividade e contou com a participação voluntária de dois psicólogos clínicos. A partir da Epistemologia Qualitativa de González Rey, produzimos uma análise acerca das subjetividades dos psicoterapeutas no cenário pandêmico e refletimos sobre as possibilidades de atuação a partir da terapia on-line.

Dessarte, tem-se que a pandemia do novo coronavírus (Covid-19) marcou o cenário mundial de 2020 e 2021 e teve, como estratégias a seu enfrentamento e prevenção, a quarentena. Ela foi realizada em diversos países, inclusive no Brasil, o que trouxe modificações na construção social de todo o mundo, alterando a dinâmica das relações interpessoais e da comunicação. Essa proposta de quarentena acelerou as mudanças no formato de psicoterapia, pois muitos profissionais e pessoas em psicoterapia ainda não tinham contato com o atendimento on-line e, pelo isolamento social, encontraram nos meios de comunicação uma alternativa para as suas sessões. Isso permitiu, aos psicoterapeutas, se adaptarem e se descobrirem nessa prática, visualizando novas formas de realizar o trabalho. Muitos, mesmo após o período de quarentena e de restrições mais severas, continuaram com atendimentos dessa maneira por diversas razões, como exposto nas pesquisas de Bell et al. (2021).

Posto isso, é possível perceber que a internet se configura, cada vez mais, como parte da vida das pessoas, tanto a pessoal quanto a profissional. Na ótica da teoria da subjetividade proposta por González Rey, a subjetividade é constituída por dois sistemas: subjetividade individual e subjetividade social. Dessa forma, na prática da psicoterapia, esses dois sistemas constituem e expressam as diferentes formas de configuração da subjetividade como processo. Não separamos o que vivemos individualmente da forma como uma sociedade concreta se expressa nos seus diferentes níveis. Consequentemente, a discussão a respeito do uso da internet para a prática da psicoterapia é cada vez mais elencada. Diante do exposto, apesar do assunto não ser uma discussão tão recente, ainda há muito o que ser debatido na área, especialmente no Brasil.

Por conseguinte, a fim de orientar os trabalhos prestados e regularizar a psicoterapia on-line no Brasil, o tema é pautado no âmbito nacional pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), que propôs a Resolução nº11/2018, que prevê a prestação de serviços psicológicos por meios de comunicação e de informação desde que cumpram as exigências do Código de Ética Profissional (CFP, 2018), como a realização de um trabalho de qualidade e a manutenção do sigilo. Com o advento da pandemia da Covid-19, todavia, alguns artigos foram alterados temporariamente pela Resolução nº 04/2020, principalmente no que tange ao credenciamento prévio do profissional para o atendimento on-line e no acolhimento à distância de pessoas em situações emergenciais ou de violência (CFP, 2020).

Nessa mesma lógica, com base na teoria da subjetividade, o diálogo é o que propicia ao indivíduo se tornar sujeito de sua própria experiência e possibilitar novas reflexões sobre sua vida (González Rey, Goulart, & Bezerra, 2016), se expressando pela forma como seus participantes se engajam em processo de relação. Esse engajamento possibilita a emergência de processos subjetivos diversos que podem levar a produções subjetivas alternativas e facilitadoras de outros processos (Mori, 2019), o que é o papel central da psicoterapia.

Com isso, a partir do enfoque cultural histórico e da sua compreensão a respeito da prática clínica, o atendimento psicológico à distância, aliado à tecnologia, se tornaria uma realidade possível. Desta maneira, o assunto vem sendo abordado por teóricos contemporâneos, como Stoll, Müller e Trachsel (2020) e Hanley (2021), sob a perspectiva de que o novo formato da prática pode beneficiar o processo psicoterapêutico de diversas formas, constituindo uma nova maneira de responder às necessidades da pessoa em psicoterapia - principalmente diante do nosso contexto de isolamento social.

Ademais, na visão da psicoterapia pautada na dialogicidade e no engajamento de ambas as partes, compreendemos que a prática psicoterápica também mobiliza a construção de novos sentidos subjetivos do psicólogo, de forma que seu trabalho não está desarticulado da sua história pessoal, como relata Mori (2019). Ou seja, a psicoterapia estimula, inclusive nos psicólogos, a constituição de unidades processuais e simbólico-emocionais que surgem nas situações cotidianas e que instigam diversos comportamentos (González Rey, 2012).

Portanto, a nossa pesquisa objetivou compreender diferentes processos subjetivos de psicoterapeutas no formato de psicoterapia on-line em razão da quarentena por Covid-19, além de discutir diferentes representações da prática profissional em psicologia e seus

desdobramentos na psicoterapia on-line e compreender os limites e possibilidades da psicoterapia on-line e sua configuração como processo subjetivo.

Profissionais de saúde e a emergência da Covid-19: o papel da psicologia

Com o cenário pandêmico e a consequente superlotação dos hospitais e postos de saúde, muitos profissionais da área se encontraram sob grande estresse. É o que diz uma pesquisa realizada com enfermeiros e médicos chineses no início dessa epidemia (Liu et al., 2020). De acordo com os autores, foi evidenciado que esses profissionais sofreram uma exaustão física e emocional diante do trabalho excessivo e que, além do medo do próprio contágio, seu humor ainda variava conforme o nível de saúde dos pacientes e suas melhoras ou não. Porém, pôde-se verificar um alto índice de resiliência desses trabalhadores, visto que utilizaram de diferentes estratégias para lidar com tamanhas adversidades, tanto no trabalho, quanto emocionais (Liu et al., 2020).

Isso é possível notar, também, em um outro estudo realizado na China com enfermeiros que trabalhavam diretamente com pacientes com Covid-19 (Sun et al., 2020). Conforme discutido na pesquisa fenomenológica, foram percebidas quatro grandes manifestações psicológicas e emocionais dos profissionais inseridos nesse contexto. Em um primeiro momento, devido ao intenso trabalho, surgiram fortes emoções relacionadas ao medo da infecção e à preocupação com os pacientes, à falta de conhecimento sobre o vírus e às mudanças no ambiente de trabalho, a preocupações bidirecionais com os membros de suas próprias famílias.

Em outro instante, conseguiu-se observar mais recursos subjetivos com relação ao autocuidado e às maneiras de lidarem com a situação, como adaptações na rotina de vida, ajustamento cognitivo e psicológico para um enfrentamento mais racional, apoio e trabalho de equipe. Além disso, houve um crescimento sob essa pressão, com um maior senso de responsabilidade e identidade profissionais, autorreflexão e um aumento de sentimentos de gratidão e afeição (Sun et al., 2020).

Ademais, verificou-se que diferentes emoções ocorriam simultânea ou progressivamente, na medida em que, mesmo diante do estresse, os enfermeiros passaram a confiar mais no ambiente médico, no apoio governamental e em suas próprias habilidades na autoproteção e autopreservação (Sun et al., 2020). Isso - segundo os autores Sun et al. (2020) - possibilitou esses profissionais a sentir mais calma no trabalho e com os pacientes e mais

felicidade com o apoio social e os recursos fornecidos. Assim, é inevitável inferir que a subjetividade do profissional de saúde abrange e impacta no tratamento dos pacientes e na própria relação entre eles, ainda mais em contextos emergenciais.

Há de se considerar, portanto, devido ao cenário pandêmico que acarreta estresse, mudanças e sofrimento psíquico, o papel dos profissionais de psicologia e, inclusive, como eles vivenciam esse período. Com o distanciamento social e as medidas de segurança relacionadas à contaminação, a melhor alternativa para a prestação de serviços psicológicos em geral se deu pela utilização de meios tecnológicos e pela internet.

No país, porém, essa prática foi reconhecida recentemente. Somente em 2018, pela Resolução nº 11/2018, foi quando o Conselho Federal de Psicologia (CFP) regulamentou a prestação de serviços psicológicos por meios de tecnologia da informação e da Internet, visto que, anteriormente, a prática era regulamentada com diversas restrições e ressalvas. Para a promoção dessas práticas, os profissionais devem cumprir um cadastramento em uma plataforma de seus respectivos Conselhos Regionais de Psicologia e aguardar sua aceitação (e-Psi). Além disso, é vedado o atendimento on-line a pessoas em situação de emergência e desastres e de violação de direitos e de violência, sendo necessário, ademais, um respeito às especificidades e à adequação dos métodos utilizados (CFP, 2018).

Com o advento da pandemia da Covid-19, algumas alterações nesta última resolução foram realizadas e seguem vigentes durante esse período (CFP, 2020). Pela Resolução 04/2020, o CFP regulamentou acerca dos serviços psicológicos nesse contexto e considerou a internet e os meios de comunicação como recursos para o trabalho remoto. Assim, nesse momento, o profissional não necessita de aguardar a aceitação de cadastro no e-Psi para já iniciar seus serviços on-line, tendo, porém, que realizá-lo o quanto antes. Outrossim, os atendimentos a pessoas em situação de emergência e desastres e de violação de direitos e de violência são permitidos de forma remota, não somente como suporte técnico ao atendimento presencial.

Portanto, podemos verificar o quão importante foi a atuação dos psicólogos nesse período a partir dessa última resolução. Foi percebido, durante e após a quarentena, um aumento na procura de serviços de saúde mental no mundo todo, inclusive no Brasil, reforçando a relevância da psicologia neste cenário (Bell, Crabtree, Hall, & Sandage, 2021; Bittencourt et al., 2020; Cantone et al., 2021; McLean et al., 2021). A partir do que compreende o campo da Psicologia em Emergências e Desastres, esse momento emergencial se revelou

como crítico, cujos métodos de superação dos cidadãos não se configuram mais como suficientes, necessitando de um auxílio psicológico (Franco, 2015).

A atuação, dessa forma, deveria ajustar-se ao que é possível no instante com os mecanismos disponíveis, como a internet e as sessões de forma on-line - até mesmo para os grupos terapêuticos (Weinberg, 2020). Ou seja, a intervenção aqui se daria com o objetivo de aliviar o sofrimento imediato e dar apoio eficaz para seu enfrentamento, além de evitar maiores danos, prevenindo transtornos mentais e fortalecendo as redes de apoio (Franco, 2015; Zanatta & Zacarias, 2018).

Desafios e novas perspectivas para os psicoterapeutas

A psicoterapia não é atividade privativa da ciência psicológica, contudo concerne ao campo da psicologia na medida em que muitos profissionais da área atuam a partir da prática psicoterápica. Para a teoria da subjetividade proposta por González Rey (2016, 2017), além do que foi exposto, a psicoterapia é baseada na perspectiva do diálogo e do desenvolvimento humano, acompanhando o processo de vivências e experiências dos interlocutores (Mori, 2019). Com o diálogo, estabelece-se um vínculo constituído pela qualidade dos diferentes processos subjetivos (conjuntos de sentidos subjetivos) manifestados na subjetividade dos participantes da conversa (Mori, 2020; Mori & Goulart, 2019). Logo, compreendemos que a prática psicoterápica também mobiliza diferentes processos subjetivos do psicoterapeuta na sua atuação profissional, posto que ela não é dissociada de sua história pessoal.

Em congruência a isso, temos a compreensão do conceito de desastre - para a psicologia em emergências - enquanto um fenômeno universal, cujos impactos se refletem nos indivíduos, nas comunidades e nas nações (Franco, 2015). Assim, a partir dessa lógica, a pandemia poderia ser vista como um desastre. Logo, ao ser incorporado na experiência de vida das pessoas – inclusive, dos psicoterapeutas – esse fenômeno poderia propiciar novas formas de mobilização e produção de sentidos subjetivos (González Rey, 2011). Por conseguinte, faz-se possível inferir que, para uma maior compreensão do impacto da pandemia de coronavírus na prática psicoterápica, a análise da subjetividade dos profissionais atuantes nessa conjuntura também se faz necessária.

É notório, portanto, que um trabalho em um contexto crítico como esse se caracteriza como estressante. Os profissionais que lidam com pessoas em emergência podem sofrer o risco de ficar mobilizados com o que os pacientes sentem (Franco, 2015). Logo, por também estarem

inseridos nesse quadro, os psicoterapeutas são afetados por essa emergência e apresentam processos que devem ser considerados em suas intervenções “antes e pós-Covid”. Esse cenário, portanto, impacta diretamente na configuração subjetiva dos psicoterapeutas. Ou seja, ele se reflete na rede simbólico-emocional constituída de diferentes desenvolvimentos e implicações das experiências vividas por esses profissionais de psicoterapia (González Rey, 2011).

Por conseguinte, verificamos a existência de benefícios nos atendimentos on-line tanto para os pacientes quanto para os profissionais, bem como suas semelhanças com o setting terapêutico presencial, que reforçam a necessidade e a relevância desse formato de serviço psicológico para a contemporaneidade (Evangelista & Cardoso, 2021; Hanley, 2021; Stoll, Müller, & Trachsel, 2020). Embora esses trabalhos tenham sido regulamentados pela Resolução nº 11/2018 do CFP (2018), a prática da psicoterapia on-line ainda se configura como uma novidade para muitos terapeutas.

Os desafios contemporâneos concernentes a essa prática, portanto, se encontram, principalmente, no que tange à necessidade de uma postura mais crítica dos psicoterapeutas e de suas abordagens. Outrossim, é importante ressaltar que o aumento dos campos de atuação não necessariamente se refere à insuficiência ou à extinção de outros (Holanda, 2012). Isto é, a atual conjuntura pode representar um cenário favorável à ascensão da psicoterapia à distância mesmo com a manutenção da prática presencial. Logo, há de se pensar que a prática psicoterápica deve manter uma proximidade e um diálogo com outras áreas da psicologia, visto que se constitui como prática profissional e de construção de conhecimento (González Rey, 2012).

Método

Nessa pesquisa foi utilizado o método construtivo-interpretativo proposto por González Rey (2017) que se fundamenta na Epistemologia Qualitativa, pautada em três pressupostos:

1. O caráter construtivo e interpretativo do conhecimento. Ou seja, o conhecimento da realidade não se dá de forma linear, mas é construído e produzido pelo ser humano, gerando campos de ação e inteligibilidade sobre a realidade.

2. Legitimação do singular como instância de produção do conhecimento científico. Assim, o caso singular tem valor pelas informações e ideias que surgem a partir dele, contribuindo para a construção de conhecimento ao abrir novos caminhos de significação.

3. Compreender o processo de pesquisa como um processo dialógico. Na pesquisa, ocorre a construção de um espaço de troca e reflexão entre pesquisador e participante, possibilitando o acesso à expressão simbólica de sentidos subjetivos e o estudo da subjetividade desse ambiente dialógico.

Dessa forma, o instrumento utilizado foi a dinâmica conversacional on-line, que consiste em uma conversa (via internet), um diálogo, entre pesquisador e participante, que permite um processo dinâmico de relações, mesmo que à distância. A dinâmica conversacional não é feita com perguntas formuladas a priori pelo pesquisador, mas está orientada pelos objetivos de pesquisa no processo de diálogo que se organiza na pesquisa (González Rey, 2017).

No presente trabalho, os participantes da pesquisa foram selecionados por conveniência. O critério de inclusão se pautou pelo tempo de atuação dos profissionais na área clínica - sendo uma participante com 18 anos de experiência e outro com três anos - e pela disponibilidade de participarem dos encontros virtuais realizados via Google Meet e chamada de vídeo pelo Whatsapp. Foram realizados dois encontros com cada participante, individualmente, através das plataformas mencionadas, com o intervalo de dois meses entre cada dinâmica. A pesquisa foi aprovada no comitê de ética e pesquisa da instituição de ensino superior vinculada aos pesquisadores.

Análise e construção de informação

Nesse método, a análise e construção de informação deu-se a partir da confecção de indicadores, que são as suspeitas iniciais que os pesquisadores levantam ao longo do processo de pesquisa. Eles se configuram enquanto as primeiras conjecturas construídas sobre a pessoa, tratando-se de um contínuo processo de reflexão apoiado em fundamentos teóricos. Posteriormente, conforme eles foram ganhando força no curso da pesquisa, a articulação de diferentes indicadores permitiu aos pesquisadores amadurecer suas reflexões, chegando à construção de hipóteses. As hipóteses continuam, como é óbvio, em um nível hipotético, mas ressalta-se que agora já são construções mais sólidas e maduras. Com o tempo, podem mesmo articular-se a modelos teóricos (González Rey, 2017).

A psicóloga Janaína e o psicólogo Vinícius: Análise e construção de informação

Durante as dinâmicas conversacionais, foi perguntado aos participantes Janaína e Vinícius (nomes fictícios) como funcionavam seus atendimentos antes do momento pandêmico e o que mudou nesse contexto, bem como foi a transição para o on-line e como eles e seus clientes lidaram com isso. A seguir, serão apresentadas as análises mencionadas.

A psicóloga Janaína

Antes da pandemia, em 2019, eu já atendi duas pessoas on-line. Consegui, por um contexto bem peculiar, porque a pessoa me procurou em um estado de pânico e precisava de ir embora de Brasília para o exterior... Eu fiz o meu trabalho com ele em algumas sessões e eticamente, assim, por uma questão muito séria do processo dele, eu tinha que acompanhar esse rapaz quando ele chegasse no exterior. Então, assim, foi um passo onde eu exigi além de mim pra ajudar essa pessoa a ir além quando chegasse lá. [Janaína]

A forma como a psicoterapeuta fala de suas primeiras experiências com a terapia on-line, um ano antes da pandemia da Covid-19, nos evidencia que a sua principal motivação para se permitir atuar via on-line foi o próprio princípio ético e o compromisso social da Psicologia. A noção do cuidado com o outro foi mobilizadora para a mudança: o compromisso com a profissão fez com que ela tentasse superar uma dificuldade pessoal e profissional.

Diante disso, pontua-se que a Psicologia não é somente instrumental, ainda que tenha grandes papéis mobilizadores pautados em instrumentos e técnicas, a ciência psicológica é centrada no indivíduo. A psicoterapia busca, por meio das técnicas e dos instrumentos, facilitar a expressão dos indivíduos no processo terapêutico, mas não se restringe apenas a esse aspecto. É pelo diálogo terapeuta-paciente e pelas hipóteses construídas pelo profissional que o processo terapêutico avança, possibilitando reflexões e novos pensamentos e posicionamentos, os quais facilitam um processo de subjetivação. Por conseguinte, a Psicologia não ocupa um lugar de neutralidade, o que é evidenciado ao longo das dinâmicas conversacionais com a participante.

A ciência psicológica no Brasil surge em um contexto de higienização moral, priorizando uma ideia de normalidade que sustentava o status quo. Ela procurava uma neutralidade sem implicações políticas, o que resultou na ausência, na investigação psicológica, dos processos simbólicos da subjetividade social e suas configurações de sentido subjetivo. Esse quadro, porém, vem se alterando nos últimos anos com a reformulação do compromisso da psicologia com assuntos de cunho social e que se relacionam com a vida em sociedade, como as desigualdades, os preconceitos e a marginalização.

Assim, abandona-se a ideia de que a neutralidade na psicologia existe e se abre um campo para pensar nas responsabilidades sociais e éticas da profissão. O compromisso social da profissão é evidenciado na fala de Janaína como um todo, mas principalmente quando, posteriormente, ela relata que acordou com alguns pacientes para postergar seus pagamentos, visto que eles necessitavam do trabalho psicoterapêutico no momento, mas não poderiam continuar a pagar as sessões devido ao recente desemprego advindo do contexto pandêmico.

Além disso, no que diz respeito às maiores dificuldades relatadas pela psicóloga durante a psicoterapia on-line no momento de pandemia, o comprometimento com o processo terapêutico de seus pacientes também se fez presente na fala da profissional. Para além de seus dilemas pessoais, o acesso de seus clientes a um ambiente seguro e confortável para a sessão foi uma problemática. Diante do isolamento social, muitas famílias se viram obrigadas a rever suas rotinas e suas dinâmicas domésticas, visto que passaram a dividir seus espaços de forma mais intensa e menos regrada. Muitos pacientes psicoterápicos encontraram empecilhos nisso, principalmente no que concerne à privacidade na hora da sessão.

Então, assim, foi toda uma reconstrução de readaptar e ajudar aquele paciente. Houveram pacientes que foram para o meio da rua, para o meio fio, para dentro do carro, na garagem, no quintal, para poder fazer esse momento de terapia. Aí, nesse momento, a terapia se tornava mais complicada, porque era o espaço... então até onde eu fui me adaptando a essas ferramentas que eu utilizava, que eu fui readaptando no trabalho on-line, também tinha o espaço do paciente. Mas foi riquíssimo! [Janaína]

Como é possível conferir na fala de Janaína, a psicóloga teve um momento de readaptação do presencial para o on-line no início da pandemia. Nesse contexto, ela se mobilizou para entender a melhor forma de utilizar suas técnicas e ferramentas terapêuticas com a finalidade de auxiliar seus pacientes em suas próprias readaptações no processo psicoterapêutico, mesmo ela própria tendo manifestado bastante resistência com as ferramentas tecnológicas.

Com isso, ao longo das dinâmicas conversacionais, temos o indicador do seu posicionamento como agente no que tange seu campo laboral. Isto é, ela se coloca diante de seu trabalho de forma ativa, gerando sentidos subjetivos e mudando seu campo social com uma constante busca de se reinventar na sua prática profissional e com posicionamentos para além dessa esfera. Um reflexo desse papel de agência desempenhado pela profissional é evidenciado, durante a conversa, quando ela traz o relato de que participou de um grupo on-line de terapeutas no início da quarentena. Nesse grupo, as pessoas se apoiaram não só na troca de experiências

sobre a clínica on-line e suas dificuldades, mas também sobre questões pessoais acerca do momento pandêmico.

Esse apoio do grupo, de nós terapeutas, foi fundamental. Eu trabalho com uma sócia, a gente divide a sala. Nós, não só no grupo, mas nós duas nos demos muito apoio, muito apoio! Nós fazíamos esse trabalho virtual, então uma tentando e ajustando como íamos fazer, como que estava sendo para nós, nosso trabalho - que a gente “trocava muita figurinha” de paciente. Com certeza! Para mim foi fundamental esse apoio entre nós terapeutas, psicólogos, principalmente no início, depois conseguimos nos fortalecer e cada um seguir. Mas assim, cada um que precisava, a gente estava ali no grupo se ajudando, foi fundamental. [Janaína]

Pesquisador: E foram todas da mesma abordagem, Janaína? Assim, trocando ideias de técnicas, ou não?

Não todos. No meu grupo mesmo, com essas ferramentas, quase nenhum. Mas o Gastão - que é o criador dessas ferramentas -, ele também nos ajudou muito! Ele fez muitas lives, fez também minicursos de como nossas sessões deveriam ser adaptadas para o on-line com as ferramentas. Foi de grande apoio o Gastão, que foi o criador dessas ferramentas e ele já tinha experiência com terapias virtuais e ajudou muito o grupo com essas ferramentas, os psicólogos. Foi fundamental a ajuda dele também, as lives dele, as conversas com ele... [Janaína]

Outro fato que se torna bastante presente na fala da psicóloga diz respeito à importância de redes de apoio para enfrentamento e adaptação ao contexto pandêmico, inclusive no âmbito profissional. Janaína conta que a troca de experiências e informações a ajudou não só na prática clínica, mas também para adaptar a sua vida pessoal à pandemia. Diante disso, é possível perceber a importância do diálogo como mobilizador de novos sentidos subjetivos e, conseqüentemente, de novos processos subjetivos que possibilitaram à terapeuta conseguir trabalhar em um contexto jamais vivenciado anteriormente.

Além disso, verifica-se que, no grupo de terapeutas mencionado pela psicóloga, profissionais de outras abordagens psicológicas se faziam presentes. Isso é interessante, porque, posteriormente, Janaína relata que teve dificuldades em adaptar suas ferramentas e técnicas da Bioenergética e do EMDR para a modalidade de terapia on-line e que profissionais de abordagens que não utilizam do corporal teriam tido uma maior facilidade nessa transição. Essa fala demonstra uma certa insegurança e receio da profissional no que diz respeito à terapia on-line e, por ter uma longa jornada na prática da clínica presencial e estar acostumada com suas técnicas, representa uma possível acomodação e medo da nova realidade profissional. Ademais, sua comparação entre as abordagens na clínica on-line evidencia um possível desconhecimento acerca de outras epistemologias e, portanto, uma noção estereotipada delas.

Assim, diante do exposto, é possível identificar outro indicador: o distanciamento dos psicoterapeutas às epistemologias diferentes das suas e uma pequena alienação no que diz respeito às diferentes vertentes da Psicologia. É sabido que, para a atuação profissional, se faz necessária uma escolha de epistemologia e de técnicas, por parte dos psicólogos, a fim de embasar seus trabalhos e realizá-los com excelência. O terapeuta deve buscar ter domínio de sua abordagem psicoterápica, estudando não só suas técnicas, mas sua teoria como um todo. Entretanto, um diálogo entre as diferentes epistemologias se faz necessário para constituir a Psicologia enquanto ciência e para propiciar uma atuação profissional mais crítica dos psicoterapeutas com suas respectivas abordagens.

Essa problemática, entretanto, não advém somente de especializações e atuações dos psicólogos já formados, mas também da própria graduação em psicologia no Brasil. Os estudantes de psicologia, em contato com diferentes teorias ao longo da graduação, podem possuir dificuldade na escolha de sua abordagem para a futura atuação profissional, mas invalidar a cientificidade e a validade prática das demais teorias não constitui o posicionamento crítico necessário aos profissionais de psicologia.

A rivalidade e competição entre as epistemologias estudadas na graduação vem da preferência de cada estudante e da ideia alienante de que há uma abordagem psicoterápica melhor do que a outra, sendo influência - até mesmo - de seus professores. Com isso, é necessário repensar sobre como a graduação de psicologia está sendo conduzida nas universidades brasileiras e procurar investigar como as especializações podem diminuir a alienação e aumentar o pensamento crítico dos profissionais, capacitando-lhes e, também, estimulando-os a dialogar com outras teorias.

Outra perspectiva importante a ser abordada é a vacinação dos profissionais de saúde. Durante as dinâmicas conversacionais, Janaína se mostrou bem temerosa e cuidadosa com relação à pandemia. Ao ser vacinada, porém, manteve um sentimento de esperança e de renovação que impactou nos seus atendimentos clínicos. Ela se desafiou e pôde adaptar suas ferramentas e técnicas de EMDR e terapia do trauma, que antes temia não conseguir tamanha adaptação. Além disso, conseguiu sair de uma perspectiva de saturação e readaptação à pandemia para um processo de esperança e autocuidado, realizando exercícios físicos e frequentando cafés e restaurantes nos quais se sentia à vontade, resgatando antigos hobbies e o prazer nas atividades diárias. Isso se refletiu na sua atuação, enquanto psicoterapeuta, na

medida em que passou a trabalhar com seus pacientes para que eles também tivessem novas perspectivas diante do contexto vivido.

Outrossim, Janaína evidencia um importante aspecto da psicoterapia durante esse contexto de crise pandêmica: o comprometimento do paciente com o seu próprio processo. Ela comenta que pôde perceber isso de diferentes formas no ambiente clínico: desde a resistência à terapia, quanto a vontade de dar continuidade às sessões.

Pesquisador: Você acha que, mesmo após esse cenário pandêmico, o virtual vai ser uma realidade presente na sua clínica?

Vai! Não só porque agora eu me abri para essa experiência, mas porque os próprios pacientes preferem – inclusive os que chegaram já no presencial. Esse ano ou final do ano passado, quando a gente voltou presencialmente, eu recebi alguns pacientes novos e, vez ou outra, eles me pedem virtual. Por exemplo, coisa que eu não fazia, que eu achava estranho, mas eu tive a experiência: super choveu e aí a pessoa fala assim “Janaína, olha só, aqui está uma chuva danada” ou então “Eu me atrasei aqui no meu trabalho, vamos fazer virtual?”. Pronto! Tem essa dinâmica agora, entendeu? Você não perde a sessão porque choveu, porque atrasou ali ou porque você vai se atrasar e perder 20 minutos da sessão. Vamos logo fazer virtual! [...] E isso está ótimo, abriu essa possibilidade para os pacientes também ao invés de desmarcar. E assim é bacana porque você vê o grau de resistência e de autossabotagem, porque, muitas vezes, essas questões eram utilizadas para não ir à sessão, mas muito mais por uma autossabotagem, dificuldade, medo dos próprios medos... aí você vê o quanto a pessoa está envolvida e querendo. [...] Antes, uma autossabotagem entrava nesse “Ah, minha chefe estava numa reunião...”, mas agora tem a possibilidade de “Nossa, a reunião acabou! Já perdi cinco minutos da sessão, mas vamos fazer virtual? Pode ser?”. Ou então o paciente desmarcou porque vai ter alguma coisa e me fala “Janaína, olha só, terminou antes, você marcou alguém no meu lugar? Porque eu posso fazer virtual...”. Essa flexibilidade agora das sessões está muito interessante, sabe? Isso mudou nesse contexto! A pandemia trouxe essa possibilidade... [Janaína]

Como é possível perceber na fala da participante, a flexibilidade da terapia on-line possibilitou até os pacientes do atendimento presencial terem suas sessões remanejadas para o meio virtual por algum imprevisto. Essa perspectiva contribui para que o próprio psicólogo consiga melhor entender as demandas daquele paciente e o seu nível de dedicação na terapia e para que o processo terapêutico não se perca ou se interrompa. Isso possibilita, cada vez mais, a construção de um processo dialógico baseado na dinamicidade e na emancipação do indivíduo enquanto agente e sujeito de suas experiências.

O psicólogo Vinícius

O psicoterapeuta, durante suas dinâmicas conversacionais, relatou como a transição para a clínica on-line e seu período de adaptação foram difíceis. Vinícius se sentia muito bem ao atender presencialmente antes da pandemia do coronavírus. Quando veio a quarentena, porém, se sentiu desconfortável e desamparado para a clínica. A sensação de impotência e de exaustão emocional, no início do lockdown, foi algo recorrente, relatado por Vinícius e pela outra participante da pesquisa.

É sabido que o cenário de mudanças abruptas e inesperadas, aliado ao estado de calamidade pública mundial, foi um grande estressor para a população como um todo. Assim, o trabalho de psicoterapia se torna um desafio ainda maior para o psicólogo nesse contexto, visto que o cenário pandêmico atravessa as diversas situações de sua vida: nas demandas de seus pacientes, nas notícias, na realidade cotidiana e nas suas próprias questões emocionais.

A exaustão desses profissionais, portanto, é reflexo de uma subjetividade social acerca do papel que eles configuram na comunidade. A lógica medicalizante da sociedade contemporânea é marcada pelos diagnósticos em massa e pela desumanização dos pacientes. Entretanto, essa crença compartilhada interfere, também, em como os trabalhadores da área da saúde são vistos. É normalizada uma rotina laboral com turnos extensos e exaustivos para a categoria, advinda, principalmente, do próprio pensamento capitalista e de uma cobrança social. A problemática se configura na grande carga de trabalho e nas poucas horas dedicadas realmente ao descanso, o que possibilita quadros de ansiedade, exaustão e estresse. À vista disso, o ideal medicalizante desumaniza as relações como um todo, tanto a parte do paciente quanto a parte do profissional.

Consequentemente, os psicoterapeutas também são compreendidos por essa dinâmica social. É notório o quão o senso comum, a respeito dessa classe de trabalhadores, enxerga os psicólogos como analistas em tempo integral, como seres distantes e iluminados por um saber – saber este inalcançável para as demais pessoas. Essa configuração foi construída com base nas ideias populares sobre o processo psicoterapêutico, principalmente pela abordagem psicanalítica, ignorando outras teorias e campos práticos presentes na atuação dos psicólogos.

Assim, a cobrança social pela produtividade dos terapeutas e a própria consciência deles a respeito do papel social da psicologia são indicadores possíveis para o sentimento de desconforto e impotência presentes na fala de Vinícius. O profissional, ao mesmo tempo em que exercia seu compromisso ético com pacientes de casos mais difíceis e pontuais, não conseguiu clinicar por meses. Isso ocorreu devido a seu desânimo com as desistências de alguns

clientes e com a sua preocupação de não estar propiciando um ambiente seguro e acolhedor o suficiente para os outros, indicando um temor a respeito da pandemia e uma insegurança acerca da terapia on-line.

Todavia, após sua movimentação nas redes sociais por meio de lives com outros profissionais, novos pacientes começaram a procurar Vinícius, especialmente pessoas de outros estados e municípios. Isso foi o que mais o mobilizou para adotar a terapia on-line como parte de sua atuação enquanto psicólogo. Essa nova modalidade o fez pensar em alternativas para melhor se adaptar, desde mudar sua cadeira de lugar, até atender de seu consultório. A partir desse momento, então, ele compreendeu que esta seria uma realidade vigente em sua vida profissional, procurando enxergar alguns benefícios para além dos desafios.

Pesquisador: E quanto à mudança para o on-line, você acha que vai ser uma realidade futura na sua clínica mesmo após a pandemia?

Vinícius: Sim. Eu achei bem diferente esse formato e, para mim, de verdade, é um caminho sem volta. Eu tenho amigos que amam atender on-line, tenho uma amiga que diz para mim que ela não vai voltar para o consultório. Eu estava conversando com ela antes de viajar e eu falei para ela “Mas como assim você não quer voltar ao consultório? Me explica isso aí!” e ela falou assim “Eu vou gastar gasolina para ir para lá, eu vou sublocar sala, eu vou gastar o percentual da minha sessão se eu for trabalhar numa clínica! 40% é da clínica! Se você não tem seu próprio espaço, não vale à pena financeiramente...”. Eu acho o presencial melhor, mas que de fato é um caminho sem volta, eu tenho certeza que isso é verdade. Então, não é mais uma questão de botar no lugar, já tá pronto! É só comportamento adaptativo. Você precisa dar um jeito então. Eu acho que é isso.

Ao longo de sua dinâmica conversacional, sobretudo no trecho descrito, foi possível enxergar um marcador da personalidade de Vinícius e como se configura sua relação com a vida de psicólogo. O psicoterapeuta, ao afirmar a existência permanente da modalidade virtual em sua atuação clínica, evidenciou um caráter prático e realista na sua forma de pensar, de lidar com a vida e de se relacionar com as pessoas. Por consequência, Vinícius sai daquele lugar enrijecido do psicoterapeuta, como problematizado anteriormente, ao falar um pouco de sua vida pessoal e humanizar sua figura. Isto posto, o psicólogo quebrou esse ideal de neutralidade na clínica e mostra que, para uma melhor constituição do vínculo terapêutico, isso é necessário.

Essa discussão retoma a história da Psicologia no Brasil enquanto mantenedora do status quo, pautada em uma ideia enrijecida de uma ciência neutra. Essas concepções, ainda

que ultrapassadas, continuam na ideia de muitas pessoas. É comum a defesa de uma normatização da neutralidade na clínica. Contudo, retomando a discussão dos casos anteriores, a Psicologia não é neutra (nenhuma ciência é) e, por conseguinte, possui um papel social e político a ser cumprido, criticando e questionando as opressões e auxiliando o indivíduo em seu processo de emancipação. Logo, para que essas funções sejam realizadas, se faz necessária uma conduta mais humanizada do psicoterapeuta.

Compreendendo a postura crítica da ciência psicológica, é possível contextualizá-la com o contexto pandêmico pautado em fake news e negacionismo científico. Durante os anos de 2020 e 2021, o governo federal brasileiro disseminou diversas informações contrárias a dados científicos e tomou uma postura negligente e conservadora a respeito do cuidado com a saúde pública e o contágio da Covid-19. Com isso, se faz essencial um olhar questionador para esta conjuntura, o que configura o papel político da Psicologia e seu lugar de não isenção, analisando a subjetividade social integralmente.

Ademais, o relacionamento de Vinícius com este ramo do conhecimento também nos proporciona refletir sobre um lugar de não neutralidade, na medida em que demonstra que não há como separar, totalmente, os diferentes campos da vida. Isto é, sobre sua relação com a psicologia, foi possível perceber que, não só sua realidade pessoal perpassa a realidade da clínica, mas também o contrário ocorre. A exemplo disso, durante a conversa, Vinícius relatou que seu cachorro leva o nome de Skinner em homenagem ao teórico e a sua aproximação com a Análise do Comportamento no início da graduação. Desse modo, compreende-se que a psicologia faz parte, também, de sua configuração subjetiva a respeito de sua vida pessoal, impactando em sua maneira de pensar e viver como um todo.

Nessa perspectiva, faz-se concebível refletir sobre como as diferentes esferas da vida de um indivíduo coexistem e se correlacionam, contemplando sua subjetividade. Isso ocorre continuamente durante toda a vida da pessoa, visto que o sistema configuracional subjetivo está sempre em desenvolvimento e implica em uma diversidade de configurações subjetivas (González Rey & Martínez, 2017). Em outros termos, ao longo da vida, cada indivíduo se relaciona com seus aspectos pessoais, profissionais, amorosos, dentre outros - de diferentes formas e arranjos - o que possibilita uma nova maneira de ser e estar no mundo. Por exemplo, como relatado no caso de Vinícius, sua percepção de mundo se alterou com a entrada na graduação, assim como se alterou no fim dela - não só com relação ao âmbito profissional e acadêmico, mas também no âmbito pessoal.

Portanto, é possível compreender que, de certa forma, a psicologia enquanto ciência e profissão faz parte da configuração subjetiva dos psicólogos em geral. Pois, à sua medida, todos irão incorporar certos aspectos dessa ciência à sua vida pessoal e certos aspectos da sua vida pessoal, à profissional. Em contrapartida, isso irá ocorrer de diversos modos e intensidades, visto que depende de outras condições, tais como as experiências individuais de cada pessoa e suas configurações subjetivas dominantes (mais significativas).

Assim, diante de uma configuração subjetiva dominante, outras podem não a superar e, conseqüentemente, não impactar de forma significativa a constituição da subjetividade do indivíduo. Como configuração subjetiva dominante sobre seu trabalho, temos, para Vinícius, sua relação prática e leve com a psicologia, levando-a para diferentes campos da sua vida.

Considerações finais

Nesta pesquisa, discutimos a viabilidade da psicoterapia on-line e suas possibilidades durante e após a pandemia do coronavírus, com base no método construtivo-interpretativo de González Rey. Pode-se dizer que o aumento da demanda por serviços de saúde mental e o curto período para a adaptação à clínica virtual atravessou as subjetividades dos psicólogos de diferentes formas. Porém, o papel político e social da categoria profissional foi o principal mobilizador para a perseverança destes frente aos desafios do momento.

Foi apresentada, durante o texto, a história da psicologia no Brasil e seu caráter normatizador e opressor nos primórdios de sua constituição enquanto ciência. A responsabilidade de manter o status quo foi alterada, ao longo dos anos, para dar lugar a uma postura de crítica e de manifestação frente às problemáticas contemporâneas. Dessa forma, hipotetiza-se que a respectiva trajetória da profissão, no país, faça parte do sistema configuracional subjetivo dos psicólogos e, com isso, tenha influenciado na forma deles se mobilizarem, como dito anteriormente.

Ademais, o contexto pandêmico afetou a sociedade mundial e, ainda que muitos tenham tido recursos para se habituar, o estresse e o esgotamento foram marcantes na realidade da maioria - incluindo dos psicoterapeutas. Não obstante, o fato de a ciência psicológica estar presente nos diversos campos da vida destes indivíduos auxiliou na superação dessas adversidades emocionais. O conhecimento e a visão de mundo dos profissionais da área e as expectativas sociais sobre eles possibilitaram, no geral, que buscassem estratégias no seu cotidiano para vencer o desânimo e a exaustão.

Em outra concepção, foram apresentados dois recortes geracionais a partir da colaboração voluntária dos dois participantes: de um lado, a dificuldade e a resistência em se adaptar aos meios tecnológicos no setting terapêutico; de outro, as redes sociais como principais aliadas dos psicoterapeutas. Os limites éticos da exposição do trabalhador na internet se concentram na responsabilidade e no respeito com a ciência e com a educação, ainda que permita uma postura mais descontraída e humanizada dos psicólogos.

Posto isto, diante do que foi comentado na pesquisa, o modelo on-line é viável para todos, ainda que possua limitações tecnológicas e exija uma maior carga de estudo por parte dos profissionais. A partir da disponibilidade do terapeuta e da demanda de seus pacientes, o formato virtual pode ser uma excelente alternativa para economizar tempo e dinheiro no deslocamento, além de ser uma ferramenta útil para os dias de imprevistos na clínica presencial.

Nessa perspectiva, compreende-se a importância da Teoria da Subjetividade de González Rey nesse cenário, na medida em que centraliza seus estudos no dialogicidade dos processos. O diálogo, como lugar de engajamento e comprometimento entre as partes e de produção de sentidos subjetivos, possibilita a existência da psicoterapia on-line e, até mesmo, de outros formatos ainda não idealizados. Com isso, é possível perceber que a prática psicoterápica é dinâmica e vai se alterando com o tempo, indicando a necessidade de futuros estudos na área. Assim, ressalta-se que esta pesquisa não esgota todo o tema, mas abre mais possibilidades de discussão.

Referências

- Bell, C., Crabtree, S., Hall, E., & Sandage, S. (2021). Research in counselling and psychotherapy post COVID-19. *Counselling and Psychotherapy Research*, 21(1), 3-7. <https://doi.org/10.1002/capr.12334>.
- Bittencourt, H. B., Rodrigues, C. C., Santos, G. L., Silva, J. B., Quadros, L. G., Mallmann, L. S., Bratkowski, P. S., & Fedrizzi, R. I. (2020). Psicoterapia on-line: Uma revisão de literatura. *Diaphora*, 9(1), 41-46. <https://doi.org/10.29327/217869.9.2-6>.
- Cantone, D., Guerriera, C., Architravo, M., Alfano, Y. M., Cioffi, V., Moretto, E., Mosca, L., Longobardi, T., Benedetta, M., Maldonado, N., & Sperandio, R. (2021). A sample of Italian psychotherapists express their perception and opinions of online psychotherapy during the covid-19 pandemic. *Rivista di psichiatria*, 56(4), 198-204. <http://dx.doi.org/10.1708/3654.36347>.
- Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2018). *Resolução CFP nº 11/2018. Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP N.º 11/2012*. Brasília, DF: Autor. Recuperado de: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/05/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-11-DE-11-DE-MAIO-DE-2018.pdf>.

Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2020). *Resolução nº 4/2020. Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19*. Brasília, DF: Autor. Recuperado de: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-4-de-26-de-marco-de-2020-250189333#:~:text=Art.,de%20pandemia%20do%20COVID%2D19>

Evangelista, P., & Cardoso, C. (2021). Aconselhamento psicológico fenomenológico-existencial online como possibilidade de atenção psicológica durante a pandemia de COVID-19. *Perspectivas em Psicologia*, 24(2), 129-153. <https://doi.org/10.14393/PPv24n2a2020-58492>.

Franco, M. H. (2015). *A intervenção psicológica em emergências: fundamentos para a prática*. São Paulo: Summus.

González Rey, F. (2011). *Subjetividade e saúde: Superando a clínica da patologia*. São Paulo: Cortez.

González Rey, F. (2012). Sentidos subjetivos, linguagem e sujeito: Implicações epistemológicas de uma perspectiva pós-racionalista em psicoterapia. In A. F. Holanda (Org.), *O campo das psicoterapias atuais: Reflexões atuais* (pp. 47-70). Curitiba: Juruá.

González Rey, F. (2016). Advancing the topics of social reality, culture, and subjectivity. *Journal of Theoretical and Philosophical Psychology*, 36, 175-189. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/teo0000045>

González Rey, F. (2017). Advances in subjectivity from a cultural-historical perspective: Unfoldings and consequences for cultural studies today. In M. Fleer, F. González Rey, & N. Veresov (Org.), *Perezhivanie, emotions and subjectivity: Advancing Vygotsky's legacy* (pp. 173-194). Singapore: Springer. <https://doi.org/10.1007/978-981-13-3155-8>.

González Rey, F. (2019). A epistemologia qualitativa vinte anos depois. In A. Mitjans Martínez, F. González Rey, & R. V. Puentes (Org.), *Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: Discussões sobre educação e saúde* (pp. 21-46). Uberlândia: EDUFU. <http://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-502-2>.

González Rey, F. L., Goulart, D. M. & Bezerra, M. S. (2016). Ação profissional e subjetividade: Para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. *Educação*, 39(4), s54-s65. <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2016.s.24379>.

González Rey, F., & Mitjans Martínez, A. (2017). *Subjetividade: Teoria, epistemologia e método*. Campinas: Alínea.

Hanley, T. (2021). Researching online counselling and psychotherapy: The past, the present and the future. *Counselling and Psychotherapy Research*, 21(3), 493-497. <https://doi.org/10.1002/capr.12385>.

Holanda, A. F. (2012). Reflexões sobre o campo das psicoterapias: Do esquecimento aos desafios contemporâneos. In A. F. Holanda (Org.), *O campo das psicoterapias: Reflexões atuais* (pp. 71-100). Curitiba: Juruá.

Liu, Q., Luo, D., Haase, J. E., Guo, Q., Wang, X. Q., Liu, S., . . . Yang, B. X. (2020). The experiences of health-care providers during the COVID-19 crisis in China: A qualitative study. *The Lancet Global Health*, 8(6), e790-e798. [https://doi.org/10.1016/S2214-109X\(20\)30204-7](https://doi.org/10.1016/S2214-109X(20)30204-7).

McLean, C., Back, S., Capone, C., Morland, L., Norman, S., Rauch, S., Schnurr, P., Teng, E. & Acierno, R. (2021). The impact of COVID-19 on psychotherapy participation among

individuals with posttraumatic stress disorder enrolled in treatment research. *Journal of Traumatic Stress*, 35(1), 308-313. <https://doi.org/10.1002/jts.22718>.

Ministério da Saúde. (2020). *Sobre a doença. Fonte: Coronavírus: O que você precisa saber*. Recuperado de: <https://coronavirus.saude.gov.br/index.php/sobre-a-doenca>

Mori, V. D. (2019). A psicoterapia na perspectiva da teoria da subjetividade: A prática e a pesquisa como processos que se constituem mutuamente. In A. Mitjáns Martínez, F. González Rey, & R. Valdés Puentes (Org.), *Epistemologia qualitativa e teoria da subjetividade: Discussões sobre educação e saúde* (pp. 183-201). Uberlândia: EDUFU. <http://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-502-2>.

Mori, V. D., & Goulart, D. M. (2019). Subject and subjectivity within psychotherapy: A case study. In F. González Rey, A. M. Martínez, & D. M. Goulart (Org.), *Subjectivity within cultural-historical approach: Theory, methodology and research* (pp. 231-244). Singapore: Springer. <https://doi.org/10.1007/978-981-13-3155-8>.

Mori, V. (2020). Reflection on the value of the theory of subjectivity to signify the practice of psychotherapy. *Studies in Psychology*, 41(1), 182-202. <https://doi.org/10.1080/02109395.2019.1710987>.

Stoll, J., Müller, J. A., & Trachsel, M. (2020). Ethical issues in online psychotherapy: A narrative review. *Frontiers in Psychiatry*, 10, 993. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2019.00993>.

Sun, N., Wei, L., Shi, S., Jiao, D., Song, R., Ma, L., Wang, H., Wang, C., Wang, Z., You, Y., Liu, S., & Wang, H. (2020). A qualitative study on the psychological experience of caregivers of COVID-19 patients. *American Journal of Infection Control*, 592-598. <https://doi.org/10.1016/j.ajic.2020.03.018>.

Weinberg, H. (2020). Online group psychotherapy: Challenges and possibilities during COVID-19-A practice review. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 24(3), 201-211. <http://dx.doi.org/10.1037/gdn0000140>.

Zanatta, G., Silva, P., & Zacarias, M. (2018). A atuação do estagiário de Psicologia: Um relato de experiência. *Perspectivas em Psicologia*, 22(2), 185-195. <https://doi.org/10.14393/PPv22n2a2018-12>.